Multimodo, profuso, inquieto

Amarílis Tupiassú*

O admirável em sua contínua, ininterrupta, excessiva capacidade de pensar, de seu pendor a verter-se reflexivamente sobre a condição humana, sobre existir tomado em conjugação verbal infinita, aberta ao universal, seja qual for a manifestação de ser, o admirável de sua inquietação por inquirir, espreitar, melhor se diga, desafiar as orlas do abismo de nós mesmos – irrevogáveis e pendidos ao mistério - é que a travessia à plena ou frágil revelação possível, o risco de tanto especular e depois aflorar com respostas apenas plausíveis, não resultou, na origem, de escolha pré-concebida, projeto prévio ou deliberada opção, fruto da liberdade, ainda que frágil, de ir por aqui ou por ali porque assim foi decidido. Diríamos, evocando o universo grego, tão interrogado e afeito ao pensamento de Benedito Nunes, que tudo se deu por eleição dos deuses, das musas, pelos bons votos de uma benfazeja moira, dirigindo o pensador às lides reflexivas, à constância desse encargo, as deidades atuantes, seja em seus míticos circuitos intemporais de outrora, seja aqui, no plano da vasta e plena ideação de nosso filósofo.

Seu afã filosófico ascende, acende-se pouco a pouco, propagando clarões por todas as direções do conhecimento, como se em decorrência, caso não dos deuses, de predisposição arraigada em alguma genética sem registro factual, lastro sanguíneo, disposição de nascença, o talhe de sua vida desenhado desse jeito, porque sim, assim há de ser, assim se faça e ponto. Desse modo se dispõem seus primeiros assomos, tão precoces, rumo à floração progressiva de sua consciência filosófica, à montagem de sua máquina mental dada a remoer e burilar pensares e saberes, pessoais e ou de outros, todos inteligências do mesmo tope e, que nem ele, a viver de pensar e a pensar como apelo vital de viver.

* Doutora em Letras. Pesquisadora e professora da Universidade da Amazônia – UNAMA. Autora, entre outros, de *A palavra divina na surdez do rio Babel. EDUFPA,2008*

Poder-se-á, portanto, neste esboço de apresentação, retrato a traços largos, inferir, demarcar os entornos biográficos do homem marcado por signos de maravilha, seus primeiros frutos nascidos de acordo firmado nessas aras do invisível, do insondável, de onde irrompeu a ordem muda de votar-se ao ofício deleitoso de estudar, algo como se fado ou sina, ou herança sem registro oficializado em página cartorial, os bens, as herdades humorosas e floridas que Benedito Nunes multiplica por esforço seu sempre a mais, lida de exclusiva responsabilidade sua, seu basto de estudo, cuja germinação e colheita ele assegura com rega persistente, cultivo diuturno, as floradas de ciência cuidadas com zelo, muito polimento, luz, calor medido, as flores aconchegadas em ambientação propícia à multiplicação e potencialização da dotação com que o pensador foi agraciado por natureza, o dom de instigar-se à reflexão e à montagem dos livros que nos oferta.

É o que se percebe quando se frui, usufrui da obra, isto é, do conjunto de livros, dos ensaios filosóficos, da crítica de arte, da prosa curta e de sua prosa alentada, dos papeis avulsos, anotações para encontros, fóruns, seminários, simpósios, mesas, congressos, discussões científicas, filosóficas, artísticas, os eventos a que dedica grande parte de seu tempo. Flanando pelas galerias à flor da pele e subterrâneas dessa mina, encontram-se sentidos latentes, silenciosamente falantes, a partir dos quais se deduz, infere-se e afere-se lucidez tamanha, quando o autor, em carne e osso, parece passar furtivo, difundido pelos interstícios, pelas entrelinhas de seus livros. É quando se extrai, da massa de saber expresso, o eco de sua voz multímoda, sua concepção e circuito de vida incomum, a inteligência incomum, incomum força de vontade, inquietação vibrante, a confiança no saber, motor de mudança, a constância, a vasta curiosidade, o prazer de especular, estes os timbres de sua fala proferida e grafada. Suas atividades, quais sejam, por vias diretas ou transversais vão sempre firmar sobre o sujeito de estudo o olhar percuciente, paciente, dardejante, olho teimoso de fera *mundiando* a presa, assim o dirá o linguajar amazônico, para mencionar o fitar, o labutar insistente, teimoso, arrimo da reflexão investida de rigor e cuidado, o olhar varando a pauta a observar, esse rigor e teimosia a base sólida de sua escrita, de seu modo de filosofar, o olho ávido a internar-se pela maranha desafiadora de ser, existir, olho posto a recuperar as razões, os desvios, as passagens centrais e vicinais da existência, seus princípios, meios, fins, esses os embates, os motins de Benedito Nunes.

O sumoso fruto dessa inteligência, da sabedoria - sem concessões ao fátuo, ao fácil – é o que se colhe quando se apruma e se finca a mente no solo esclarecido de sua obra que teima em puxar os fios da (a)ventura (ou desventura) de ser e tecer a folha-mirante decidida a vislumbrar e enfocar o ido, o sendo e o vir a ser. Essa é a obstinação, a tenacidade, desde seus primeiros escritos, Benedito Nunes só um estudante e já dado à investigação, tarefa que, desde aí, eleva, o pensador a tatear, perscrutar, averiguar do verso ao reverso do acontecimento, da contingência de ser, transladando-se o investigador da pele aos ossos, do aparente, sensível, ao que circunscreve a essência, essa sua assídua, talvez

obsessiva ocupação, acolhida e desempenhada, não como obrigação fatigante e sim como acridoce ofício, ação que compraz, absorve, domina, com alegria, comprazimento, o sorriso esparso pela escrita maturada em paciente ir e vir até atingir no alvo o horizonte a depurar, sem açodamentos nem pressas, em novos cursos de ir e vir, voltear, cercar o território demarcado, observá-lo de perto e de longe, tirar a distância, escavá-lo raiz adentro, rama, folhagem acima, devassá-lo em escala mais alta, profunda, ampla e diversa possível. Sobre esse ponto, consulte as notas biográficas e bibliográficas apensas a este número de Asas da Palavra. São atestados, comprovantes de competência.

É gostoso deparar e seguir no encalço, no rastro dessa alegria. O leitor para, sorri, também exulta, sente-se recompensado, quando Benedito Nunes alça a público o pendão de seu entendimento. E, se qual ao acaso natural da vida afirmou-se a origem de investimento no saber, seu texto patenteia o quanto o assinalado se instrumentaliza às viragens de conhecer. Bendito vai a elas, não só como o *bricoleur* que passa a mão, manuseia à sorte a aparelhagem, os utensílios ao alcance imediato. É evidente que, se alguma vez, lança mão das livres descobertas ocasionais, excede, ultrapassa qualquer sorte de bricolage, quando toma distância, mede, elege seus portos, seu campo de ação, à precisão de afiar, limar, lustrar seus instrumentos, a bússola, o quadrante, as faces da rosa-dos-ventos. Então avalia outros demais olhares, debruça-se, com refinada acuidade, sobre os aparatos alheios, as notas de outras navegações, daqui, dali, de ontem, de agora, os dados que decifra, esmiúça e, se for certo o gozo, os saboreia com evidente prazer. Assim se aferra ao armazenamento de provisões às longas paragens da exploração, assentes as lupas intelectivas sobre todas as linhas cartografadas, mesmo sobre as difusas. Ele preza a tudo, a tudo considera e assim apetrechado embrenha-se no manacial de saberes, de outros escritos, outros solos apinhados de preciosidade, que palmilha e de onde dá saltos à lavra de assinatura própria mescla de singularidade, sedução, beleza.

É desse jeito, a passes de agudeza e alegria, de pressas, sim, mas a compassos serenos, entre vagares e deleites, vagares e ócios, muita *flanérie*, muitos tesouros achados, que Benedito-leitor/ Benedito-escrivão levanta âncoras para mais uma investida. Desse jeito aporta às margens de acolher e encantar o leitor *beneditamente* voltado aos veios de suas páginas. Desse jeito é que marcha o scholar, o atento hermeneuta e escoliasta, o multímodo sábio à eleição e acolhimento de pomos pelos hortos onde faz paradas para nutrir, cevar sua basta sabedoria, rigorosamente talhada a moldes humanistas, o filósofo preso às acepções classicamente contemporâneas de saber.

Cabe acentuar que seu modelo de pensar já rareia nestes tempos de exagerada especialização, no mais das vezes redutora, sobretudo quando ocorre submetida à requintadíssima e fabulosa tecnologia atual, bem-vinda, apesar de acabrunhante dada a sua quase misteriosa maneira de fazer-se real, terra-a-terra, para além do credível, potente, a imperar em todos os campos e correr célere a inusitado grau de onisciência, onipresença, uma tecnologia em excesso, nada saudável no formar e automatizar mentes sujeitas a percepções horizontais de

Foto: Elza Lima

entendimento, mais nocivo ainda se tangido pela pressa que tende a desabar em vã superficialidade. Benedito Nunes, o homem espelhado na obra, joga na quietação, embebe-se de acalmia para alcançar o fundo do lago da sabedoria, em sortidas rigidamente presas à verticalidade, aos amplos, difusos, profundos leitos da cogitação. É tão compensador seguir com ele, imerso em calmaria, imbuído de suas circunavegações serenas. Circunavegar sem sofreguidão, inspirar outros climas, novos ares, porto a porto, aportar as altas galas do saber, esta é sua marca, sua divisa.

É o que se pode depreender da obra, ela por si a desenhar o perfil do scholar que, enquanto esquadrinha horizontes, recorta e imprime, sob a pauta central, finíssima malha autobiográfica , nem sempre flagrante, mas inscrita na tessitura da escrita. Quer-se dizer da pletora de inteligência que as entrelinhas balbuciam. Um texto tão cuidado e de tal monta há de retratar o alto quilate do

mentor. Benedito institui-se definitivamente como homem de pensar, cujo acervo autoral conduz a lavrados e lavradores de prol, daqui e dali, d'outrora, como, aliás, sói ocorrer na história dos pensadores excessivos e excepcionais.

Em outras palavras: a produção de Benedito Nunes desenha-se entre halos de inquietação presa a extensa expectativa de saber, algo que revela uma paisagem bahktianamente ou polifonicamente enformada, orquestral, ecoante, dialogante. É como se borda essa obra, coando e escoando a sabedoria dos tempos, veio de vária escrita, conjugados de vozes, redes correlacionadas. Assim se inscreve essa obra, sem pressa, sem açodamentos, sem afogadilhos, sem descurar do que é eixo e do que se impõe como conexões.

Essas são as cartadas de mestre, deixar-se vogar livre e seduzido, protegido de qualquer facilitário, entregue de corpo e alma à tarefa de vigiar, assediar e dominar a floresta compacta a averiguar, o acervo universal da humanidade, sem esse assédio, mero legado mortiço, grafia sem fundo, o vazio, se sobre a folha não mergulhasse ardente e prazenteira a rara acuidade. Desfiar e montar a escrita tersa, elegante, sedutora, esse é, em síntese, um senhal de Benedito, o nome ajustado à ação bendita. Imerso na tarefa pacienciosa, de fato calma, ciosa e lenta de juntar os frutos e sorver de manso o sumo concentrado à especulação e produção de idéias, assim segue o esquadrinhador, afinando espéculos, refinando-se, interrogando, concluindo, incursionando os aléns de todos nós, e chegando com respostas provisórias, não importa, que assim há de ser, respostas, contudo, que iluminam o precário. Benedito faz questão de afirmar-se em contínua revisão. Enfia, desata, torna remontar o novelo de sua autoria. Desconfiado, ausculta as vozes de sua própria escritura, sabedor de que o saber jamais é matéria finda, pronta, selada. Diz de um de seus livros: "O menos satisfatório [dentre meus livros] é ainda [por enquanto] um dos primeiros, *Introdução à filosofia da arte*, que deverá ser revisto e ampliado nos próximos anos" (In: *Um roteiro dos livros de um sábio paraense*. Belém: Jornal "A Província do Pará" - Entrevista a Lúcio Flávio Pinto, 26/05/91).

Há tanto o hermeneuta parece ter-se rendido ao cumprimento de uma jura – a mesma do também raro Haroldo Maranhão – Nula dies sine linea - ditada à necessidade vital, diária, de escrever, o que inclui contínuo pensar e mentar. É a notícia que escapa implícita de entre as linhas visíveis dos livros e segue ao leitor detido sobre essa profusa cogitação sobre ser e fazer-se o ser, humano ou não. Dobrar-se sobre as fugidias esferas da existência (in)finita, inquirir é o nem sempre leve fado a que intransigente se vota, por inteiro Benedito José Vianna da Costa Nunes. Assim seguro e apercebido, abastecido, aparelhado ele segue à acolhida e reconhecimento, à alegria, ao júbilo do leitor, certamente mais lúcido, certamente recompensado, farto de saber, indubitavelmente fascinado.

Foto: acervo Lilia Chaves